

Compra
-0. NSU 1997

Semanário de grandes reportagens

N.º 15

1\$00 Esc.

LÊR NESTE NUMERO:

Um tráfico secreto e elegante
em Lisboa

"Baby
Face"



ESPECTACULOS

Teatros

Nacional - 21 e 30 - O Solar dos Barrigas
Avenida - 21, 30 - O «Meu crime»
Variedades - 21, 30 - «Nobre Povo»
Coliseu - O fim do Mundo
Apote - 20, 30 e 22, 45 - «Zé dos pacotes»
Maria Vitória - 20, 45 e 22, 45 - «Viva a folia»

Cinemas

São Luiz - 15 e 21 e 30.
Tivoli - 15 e 21 e 30.

Condes - 15 e 21 e 30.
Central - 15 e 30 e 21 e 30.
Olimpia - Das 13 e 30 às 0.
Capitôlio - 21.
Chiado Terrasse - 15, e 21 e 30.
Odeon - 15 e 30 e 21 e 30.
Lys - Das 11 e 30 às 19 e 21 e 15.
Paris - 20 e 45.
Salão Portugal - 15 e 21.
Palatino - 21.
Palácio - 21 e 15.
Europa - 21.
Royal - 15 e 21 e 15.
Eden-Cinema - (Rua do Aleito) - 21.

Promotora - (L. rgo 20 de Abril, no Cal' vário) - 21.
Imperial - (Rua Francisco Sanches).
Salão da «Voz do Operário» - 21.
Cine Oriente - (Penha de França).
Salão Ideal - (Loreto).
Cine Rossio - 21.
Musical Cinema Parque - (Par. Mayer).
Pavilhão Português - (Par. Mayer) - 21.
Max-Cine - (Rua Barão de Sabrosa).
Jardim-Cinema - As segundas, quartas, quintas e domingos, cinema e concerto - 14 e 45 e 20 e 45.
Bélgica Cinema - (Rua da Beneficência, no Rego) - 21.
Espianada Vitória - (Rua Alves Torgo).
Cine Salão Braço de Pata - A's quartas e domingos.

POLITEAMA

Extraordinários espectáculos
Grandes atracções internacionais

Uma grande revista com Nascimento Fernandes, António Silva, Josefina Silva, Elvira Velez, Santos Carvalho, Artur Rodrigues

O LEÃO DE OURO

Várias estrelas de «Music-Hall» - Os 3 diamantes Negros, Berta Sitona, Tipend Top, Ballet d'Or
2 grandes orquestras

BAILE

ODEON

Variados filmes cómicos

Mademoiselle Zázá

O ajudante de campo

Pamplinas, Relojoeiro - Batalha no curral

Se eu fosse o patrão - O casamento do sr. Director

SURPRESAS

ATRAÇÕES

No Palácio

ELEGANTES CONCURSOS

- VALIOSOS PRÉMIOS -

BAILES ATÉ DE MADRUGADA

PALACIO

CHIADO TERRASSE

Os grandes e mais
alegres espectáculos
do Carnaval
com hilariantes
programas de
grande sucesso
de gargalhadas.

Teatro Nacional CARNAVAL 1935

4-Grandiosos espectáculos-4

O Solar dos Barrigas

com Palmira Bastos

e Adelina Abranches

A fechar

ONDAS CURTAS

com Amélia Rei Colaço

O BAILARINO PORTUGUÊS

FRANÇOIS E RUTH VALDEN

Querem divertir-se?

Querem gosar o Carnaval?

Não deixem de assistir aos
espectáculos das 3 noites
no

CINEMA CENTRAL

com programas da

Sociedade Universal
de Super Filmes Ltd.

Espectáculos variados, até
de madrugada, com muitos
intervalos para dançar

Alegria e entusiasmo

Cinema París

R. DOMINGOS SEQUEIRA

Telefone 28777

Carnaval de 1935

Programas extraordinários, brilhantes e variados
em todos os espectáculos. Bailes, durante e de-
pois dos espectáculos

Segunda-feira - Baile Infantil

2 Orquestras 2 - Alegria - Animação

Atracções

Surpresas

CARNAVAL DE 1935

No Salão Portugal

Sábado, 2 - Grandioso concurso de cegadas, com 3 valiosos
prémios. A hilariante comédia «23 dias de Clarinha». Domingo,
3 - Segunda, 4 - Terça, 5 - colossais espectáculos cinematográficos;
quadros de revistas e variedades pelo brilhante conjunto artístico
Dorizinis.

No Palatino

Nas noites de 2, 3, 4 e 5 - Grandiosos bailes e interessan-
tes espectáculos cinematográficos - Ali-Babá e os 40 La-
drões - O Segredo da Polícia de Paris - Os heróis da Paz.
Domingo e Terça - Matinéas



Semanário de Grandes Reportagens

siderada uma, ciência pior do que suba-
torna — «ciência pária». Ao alcance de
todas as inteligências — como certos
sabonetes ao «alance de todas as bols-
sas». Creio mesmo que se publicaram
anúncios oferecendo manuais do «Per-
feito Grafologista» — sem mestre, em
três lições... E assim a grafologia foi
rodando pela rampa, mais «passa-tem-
po», mais «charada», mais «bisca» do
que as suas congêneres... Qualque bo-
ticário de vilório lhe meita ombros, im-
pando de orgulho na tertúlia, com ares
de fakir. Rara era a gazeta que não ti-
vesse a sua secção de «Grafologia» —
no mesmo rodapé das «palavras-cruza-
das»... E contudo que sólidas bases para
uma maquinaria investigadora — desde
que a desapertassem da mesquinhez dos
recursos dos «amadores» e a deixassem
aos cuidados dos «autênticos» — que
lhe dariam a desenvoltura e a rizeja ne-
cessárias! Limitando, ao acaso, a sua
utilização, na brocagem das chapas de
aço histórico — que poderosíssimo di-
namo em auxílio dos investigadores!
Quantas opacidades não se transparen-
tavam — com uma análise científica aos
autógrafos das figuras por desengorda-
rar das lendas, análise feita por grafo-
logistas autênticos, profissionais...

...E afinal — eu que vinha disposto a
falar da minha ciência «passa-tempo»,
da que sou inventor — embora sem pa-
tente —; eu, que vinha ufano, basofian-
te, revelá-la como um prodígio — na
cubija dos vossos aplausos — deixo-me
patinar, neste maldito vício de me me-
ter com a vida dos outros e encho o
espaço a criticar... as tais «ciências»
para experimentar em família — amên-
sico de que... também me enfileirei
nesse cordão de «sábios amadores».
...Bolas! Mas... — os senhores descul-
pem! Riscar o que já rabisquei, não
porque o tempo é oiro... Esqueçam-se
do que lhes disse — que eu, pelo lado,
vou esforçar-me por compreender no
Rossio da exemplificação da minha «des-
coberta» na «Betesga» de papel que me
resta para a tarefa...

(Façam de conta que vos saudei, que
tossi e que molhei os lábios com água).

As ciências «passa-tempo»

e o meu
último
invento

pelo

Reportagem



EXISTE um «género de ciências»
a que podíamos chamar... de
«passa-tempo»; espécies de yo-
-yós ou de Ma-Jong, ciências para sá-
bios... amadores, cujos gabinetes e la-
boratórios de estudo estão para os la-
boratórios e gabinetes dos Pasteurs e
dos Edison — como os palcos do «Si-
mões Carneiro» ou da «Sociedade Re-
creativa de Alcantara» estão para o da
«Comedie» de Paris ou o do velho «D.
Maria» de Lisboa — no tempo das Ro-
sas e Brazão. São ciências de «horas va-
gas»; ciências de pantufas e em famí-
lia.

Ao arrumá-las no cacifo dos «passa-
tempos» não pretendia apoucá-las, des-
denhosamente, nivelando-as à emocio-
nante estratégia dos jogadores das «da-
mas», «dominó» ou «bisca»; ao «sher-
lockholismo» e erudição «petit-lar-
rousseana» dos charadistas; à «cega-re-
ga» cor de rosa da telepatia sem mes-
tre, do «jogo de prendas» em «sairées»
familiares... A linha que fronteiriza es-
tas «ciências... para amadores» a que
me refiro — das outras ciências — tem
a mesma largura da que divide os jo-
gadores do «burro», no «Café Anastá-
cio», na Ribeira dos jogadores internaci-
onais da «Academia do Xadrez» do
Bld. des Italiens.

Mais ainda: essas ciências podiam
guiar-se e algumas já estão sendo
elevadas a uma utilidade universal, au-
xiliares das outras — se debandassem
do amatorismo, do «recreio», do «passa-
tempo» e se se colocassem num campo
experimental sério, confederadas num
alto profissionalismo — no sentido ex-
clusivista da palavra. Expliquemos...

...O «deductionisme» — como foi
adaptada do inglês para o francês — ou
seja a ciência de decifrar enigmas, es-
colhendo — e sabendo encontrar! —
um ponto de partida; engatilhá-lo com
a dedução — e disparando, com uma in-
falibilidade matemática, contra o ini-
gma prefurando-o até às entranhas — foi
inventado e praticado, por um amor de
de «ciências — passa-tempo» — ou seja
por um dr. Beld, professor de anatomia
em Cambridge ou Oxford que, nas «ho-
ras vagas», em vez de buscar algum ar-
quipélago desconhecido no oceano imen-
so do corpo humano — se divertia a ge-
estionar a técnica dessa nova ciência.
Conan Doyle, seu discípulo, escutava-o
com atenção — mas tão pouco pensou
em objectivar tais teorias ao interesse
geral, tornando-as, de facto, «ciência».
Quando dez anos depois se viu na ne-
cessidade de ganhar o pão de cada dia
— visto que a reforma de médico ferido,
gravemente, em campanha não tinha
elasticidade suficiente para o manter

como queria — e se fez romancista
— aplicou-as como truc literário, pô-las
a render... como «passa-tempo» dos lei-
tores — criando o famoso Sherlock-Hol-
mes — aquele «amador» que examinan-
do um palito deixado sobre a toalha por
certo conviva desconhecido — chegava
à conclusão que se casara havia pouco
tempo, que padecia dos joanetes e dos
rins e que, às 2 da tarde de Maio de
1875 descontara num banco de Liver-
pool um cheque, falso... Este exagêro
exepulativo de Conan Doyle, feito para
«amadores» — não impede que houvesse
ciência verdadeira — nesse simulacro...
almanaqueiro de ciência. E tanto assim
que o admirável Dr. Freud, de Viena
— aqui entre nós... — ao lançar a teoria
da «Psico-análise» — tão estranha, im-
prevista, audaciosa, sensacional — e...
um pouco especulativa também, vamos
lá com Deus! — mas indiscutivelmente,
sèriamente, ciência — profissionalizou,
aristocratizou o amatorismo de Beld,
o «truc» literário de Conan Doyle, des-
locando-o para o campo experimental.
Mais de dez ou vinte podia arregi-
mentar nesta série; uma chega: a gra-
fologia. Até há muito pouco estava con-

«Coquelerie» no Paraizo



Adão: — A senhora, contra a mi-
nha vontade, comprou sapatos à Luiz
XV? Pois bem: fique sabendo que
vou cortar o bigode à americana.

Todo o indivíduo possui, mais ou menos fortalecido, o instinto do disfarce. Uma vez, por pudor natural — para não ser amesquinhado ante a compaixão que desperta; outras, por cortezia, por ginástica de boa educação — pensando que não devemos torniquear os amigos com as nossas máguas; outras ainda por cálculo — para que os nossos semelhantes não rejubilem com a dor que padecemos; ou premeditando um engano (Fulano julgava encontrar-me acabrunhado depois daquilo... e viu-me contente e desnorteia-se, pela certa!) muitos, por orgulho, por dureza de carácter, por reserva — para não darem satisfações — nem das suas alegrias... nem sequer das suas máguas — procuram maquihar com os «batons» e os lápis da máscara o espelhamento do que lhes vai na alma... Numa pequena percentagem — os sinceros, os puros, os que por um pouco não ferram, de hora a hora, uma dentada no coração — tão à boca trazem — este embuste é pobre, fragil, tímido e tão contrafeito, tão esforçado que esfalta o mentiroso. Noutros, nos velhacos e brutais, sobretudo nos chamados «sinceros», naqueles que, sempre que engatilham uma grosseria (que querem tornar impune, por comodismo...) ou bolçarem uma patranha — dizem... «Eu cá sou muito franco!»; ou então nos fortes que dominam os nervos, a vontade, todos os elásticos histriónicos — com a mesma rijeza de pulso com que os condutores das quadrigas romanas esticavam a rédea — a proeza é suave.

Existe, porém, na vida vulgar, na vida comezinha, uma hora em que todos os homens, por pior ou melhor que seja o seu poder de disfarce — afrouxam, involuntariamente, os cordeis secretos do véu forçado ou instintivo tartufismo e deixam, inadvertidamente os sentimentos de dor ou de alegria que lhe ferviam, na máxima tensão, prensados na alma como uma caldeira fechada — e se evadem, como uma tortura — e se exibem... Essa hora — é a do trabalho — desde que o indivíduo, por amor ou por ânsia de anestesia nele mergulhou profundamente...

O capataz da limpeza duma grande casa de espectáculos, que empregava quinze mulheres no serviço, contou-me o seguinte episódio: «Um dia, à hora da entrada do mulheiro, apareceu um cauteleiro que me tinha vendido, na semana anterior, um bilhete premiado. Tive um rasgo e... ofereci uma cautela a cada uma delas! E deixei-as de cavaco comigo uns cinco minutos — a fantasiarem o que fariam se lhes tocassem a grande... Pois, meu amigo: elas que sempre molengavam no serviço... que se abraçavam à vassoura de dez em dez minutos, que andavam sempre a resmungar umas com as outras — naquele dia pareciam que andavam ao desafio, em rapidez. Fizeram em meia hora (e com o pismo delas próprias quando se aperceberam da sua velocidade) o que nos outros levavam duas! E caladas — mas risonhas! E metuculosas! nunca o Coliseu ficou tão limpo!»

Aquele final do 2.º acto dos «Cinco lobitos» dos Quintero — que vai no Nacio (Amélia Rey) teclando na máquina a nal, é bem eloquente: a dactilógrafa carta que o patrão (Raul de Carvalho) lhe está ditando. Ela não pode, não quer, expressar os efeitos que lhe produzem as palavras que está escrevendo. O rosto procura manter a máxima impermeabilidade... São os dedos, a velocidade, o modo do trabalho — que exprimem a alegria, o despeito, o amor, a tristeza, a raiva, que cada frase lhe incendeia...

O trabalho — revelador de estados de

alma! É de facto uma nova ciência a metodizar, dando-lhe uma técnica, criando-lhe adeptos — uma ciência «passa-tempo» — para amadores... para magazines... E todos os trabalhos oferecem matéria precisa — ao analista. Tanto faz que se trate dum serralheiro como dum professor... Tive uma vizinha que cuidava mais pela tranquilidade do lar da sua peixeira — do que a própria varina... «É que — explicava-me — dia em que ela arma em Foch e o marido Kronpinz, num Verdun de tachos quebrados e olhos de luto, já sei que não vende uma pescada por menos de doze mil reis! Ao contrário, se eu lhe ofereço seis e ela diz: «—Pode levar!» — já sei que o marido na vespera entrou em casa sem vinho e

lhe prometeu uma patuscada para domingo.»

As aventuras e desventuras de Josefina Backer



Esta negra que conheceu a glória, em Paris — e no mundo; que foi disputada, que casou com um fidalgo francês está em franca decadência. Pintou os cabelos de branco, fundou «music-hals» e um bar — mas em tudo fracassou. Anunciam agora que Backer vai reaparecer nos palcos parisienses — sob um aspecto inesperado: o de branca. Todas as noites prateará o corpo e o rosto — e assim, como que pintada de ripolin-platina apresentará os seus números. Mau sinal! O seu triunfo foi autêntico porque era baseado na sua verdade. Agora — será uma excentricidade de pouca dura.

Onde, porém, essas radiografias se tornam mais fáceis ao operador é na literatura. Toda a vida íntima — mas íntima da própria alma; não a vida do lar com os íntimos — mas sim a do lar verdadeiro, hermético, do coração — passa, numa diafanidade de papel de seda, através da obra. Pode o escritor ser do género trágico — e tentar o humorismo, como um clown da prosa, nas horas de uma amargura infinita; pode, para o vulgo, convencer — e fazê-lo gargarhar: o observador ou o prevenido, aguçando a vista vê logo o que lá vai por dentro... Pode, no inverso, o humorista, um Cami qualquer, num milagre do destino, em que recebeu de Deus a «graúda» da sorte, estoirar de alegria — e por excentricidade, mudar de género, escrever um drama e... convencer a maioria — até à prova eloquente da segregação lagrimal: o observador ou prevenido, aguçando a vista descobre o sol onde ele pôs trevas...

E compreende-se: forte será a razão que nos impõe a sobriedade ou a máscara completa; mais forte é sempre a ânsia humana do desabafo. Assim como o actor, acabada a palhaçada no palco — mal chega ao camarim e se fecha, e lava o rosto e se alivia da couraça do disfarce — fala, fala alto e berra ao espelho as suas penas, para ter a ilusão que se abriu com alguém, que discute o seu caso — o escritor sente nas multidões que lêem os confidentes discretos — os únicos a quem pode revelar toda a verdade que ocultou ao amigo mais íntimo. E tanto é assim que se conhece esse «transe» de desabafo do literato precisamente pelo processo dele cuidar em apagar-se, de falar... sem ser visto, como se falasse da nevrura para a luz — e os outros o ouvissem... como através dum rádio...

Bem dizia que a «Betesga» que dei-xei para a exposição do meu invento não comportava a matéria. Tenho de a interromper (com aplauso dos leitores, bem sei; e se não interrompesse eu o artigo — interrompiam eles a leitura!)... porque, de contrário, a «Betesga» rebentava...

Mas não sei escamotear-me à tentação de vos segredar o que foi que me inspirou este artigo... Um diário de ante-ontem publicava uma crónica dum camarada meu — o último romântico de Lisboa, romântico de cabelos brancos... Consta-me já que, à esquina dos seus quarenta anos de idade e vinte de ventura e de amor — exageradas pelo seu sentimentalismo suave e sonhador — tinha sido assaltado por um apache de almas... O pobre romântico — não revelou a ninguém a sua tragédia. Mais pálido, um brusco aceleração na decadência — mais nada... O mesmo sorriso, a mesma gentileza de trato...

«— Calúnias! — respondi várias vezes aos que me cochichavam o drama...

E ao ler o seu artigo — um artigo em que o disfarce o levou ao exagero de focar gentes não sei de que século — fiquei sabendo mais, em detalhes, o que foi esse romance — do que aqueles que o bisbilhotavam!

Cuidado, pois, — quando estiverem trabalhando. O trabalho, como vêem... é indiscreto — sobretudo depois de eu ter inventado esta nova ciência...

REPORTER

Como o dr. Calçado descobriu as minas de Canda

O doutor Matias Calçado, saíra dos bancos da Faculdade de direito, canudo de lata sob o sobaco, canudo que continha o seu diploma de advogado, papel esse que lhe permitia uma posição na sociedade, a resolução — talvez — da sua vida, uma atribulada vida medíocre.

O diploma que a Universidade lhe conferira era um salvo conduto que lhe permitia penetrar nas reuniões da sociedade elegante de Lisboa, travar conhecimentos com pessoas altamente colocadas, conseguiu um emprêgo ou livrar do Limoeiro — em defesas baratas e sem preparação — inocentes que a justiça, por forma alguma, podia condenar.

Em Lisboa, os tribunais regorgitavam de causídicos — a cinco escudos de defesa ocasional — não lhe proporcionavam os meios necessários à sua subsistência ou à ostentação que a sua qualidade profissional requeria, e os bons advogados — nomes feitos no fóro português — conseguiam abarcar todos os casos intrincados e rendosos, de forma que o dr. Matias Calçado não sabia como descalçar o par de botas em que se havia metido. Todavia, alugando um escritório numa das casas-labirintos do Rossio, ostentando vistosa tabuleta na janela, o dr. Calçado anunciava procuradoria, advocacia, administração de propriedades e rendas, compra e venda de móveis descalçando — «tant bien que mal» — esse par de botas que a sua vida de aventureiro — esperto e ignorante — lhe tinha apresentado.

A miragem do Congo Belga

Um dia o dr. Calçado, farto de andar descalço em terra de brancos, resolveu empenhar-se junto de um amigo relacionado com certa casa comercial de Matadi e contraindo um empréstimo, transformou os escudos em francos belgas e ei-lo — comodamente instalado numa segunda classe de um dos vapores da Colonial em direcção ao seu El Dorado. Em África, a vida não lhe ia correndo de feição, o oiro não lhe aparecia em pepitas tentadoras à beira dos leitos dos rios e... os francos iam-se dissolvendo em refrescantes cervejas que lhe aliviavam os ardores do célebre incandescente pelas preocupações da falta de paciência. Como em África o dinheiro só tem aplicação no final dos meses para resgate dos vales entregues em troca de mercadoria, o dr. Calçado ia vivendo a vida despreocupada dos aventureiros pouco escrupulosos.

Um dia surge-lhe um espectáculo diante dos seus olhos sonhadores, animados por um intelecto mixto de fenício e árabe, empreendedor e rapinante, tendo-se-lhe avizinhado a miséria por falta de emprêgo das suas faculdades aldrabônicas em casa de comerciante pouco escrupuloso. Os negócios corriam-lhe o pior possível; muito pior do que na metrópole. «Assim não poderia continuar a viver» — ia pensando o nosso homem. Tinha necessidade de tomar uma resolução digna do seu talento, esse talento fútil em más acções, acções

Um início de carreira — pouco brilhante. — Nos esconços da Boa Hora. — Um príncipe do Congo — ingénuo cúmplice do aventureiro. — Dos sonhos azuis às realidades... cinzentas

que o levaram a ser irradiado da Ordem dos Advogados e lhe afugentavam aqueles que se lhe confiavam quer na barra dos tribunais, quer entregando-lhe a



D. Alvaro Rosado, filho do Rei do Congo, cúmplice inconsciente do aventureiro

administração de propriedades que ele bem administrava em proveito próprio.

O cobre de Catanga

Uma vez em Matadi, o dr. Calçado vê passar consecutivamente comboios e comboios carregados de mercadorias que atravessam o território, junto da fronteira em direcção ao litoral. Aquele constante vai-vem de extensos comboios abriam no cérebro do advogado uma réstea de luz que o levava a descobrir uma centelha da sua genealidade. Quis ver de perto o que continham aqueles vagões carregados de pedregulhos. Seria ouro, prata, cobre, ou, quem sabe, algum minério ainda mais precioso? Fosse o que fosse, tinha que o saber ao certo. Aproximando-se mais da linha férrea, na companhia do amigo que para lá o tinha levado, constatou — ó céus! — que os vagões iam carregados de minério de cobre. Desconhecedor da geologia angolana, dirigiu-se ao amigo em tom de espanto:

— Disto, meu caro, não temos nós na nossa província de Angola, aqui a dois passos!...

— Ora, temos disto, muito bom e em quantidades enormes.

O dr. Calçado querendo mostrar que ainda se recordava alguma coisa dos seus estudos do liceu replicou, em ar desdenhoso:

— No Bembe temos — de facto — minas de cobre, mas é um minério po-



Lançou-se na busca do minério

bríssimo; quer dizer, não presta! Onde o há e do melhor é em Damba.

Ora Damba, dista cerca de quarentos quilómetros de Matadi e o nosso homem não se tinha arredado, ainda, mais de quatro mil metros da cidade onde se encontrava.

A descoberta do tesouro

Dias depois, à passagem de um comboio, o dr. Calçado tira de um vagão algumas pedras que se dirigiam para a costa. Procura o amigo e... dispara-lhe: — Cá temos cobre de Damba, vês?! — O' diabo, mas isso é a fortuna! — ripostou o amigo, surpreendido com aquela descoberta do dr. Calçado. E que pensas tu fazer dessa descoberta? Como vais tu explorar essa fonte de riqueza?

Um belo dia, o amigo dá pelo desaparecimento do advogado. Não lhe fez espécie isto, porque o supoz em viagem para Damba, a fim de se entregar às suas pesquisas. Mas, o nosso homem, dirigia-se a Sazaire, tomava o vapor da Europa e, desembarcando em Antuérpia, procura um grupo financeiro que o queira auxiliar na exploração das minas fornecendo-lhe os meios monetários suficientes. Os belgas, por seu turno, acordam no negócio, mas precisam de ver — de perto — o local da exploração e ficando com as amostras do minério que o dr. Calçado lhe levava, e que tinha roubado dum comboio vindo de Catanga, enviaram a África peritos para procederem às sondagens. Chegados ao termo indicado pelo aventureiro, e depois de terem profundado o terreno e analisado os detritos, encontraram ótima terra de sementeira, mas onde não fortificava o cobre. Percorreram várias regiões, sem resultado. O dr. que sabendo da existência — muito perto do D. Alvaro da Agua Rosada, filho do rei do Congo — que era seu amigo — pe-

(Continua na pág. 14)



As minas de Canda...

Reportagem dos leitores

Os maniacos das colecções e as 1894 participações de falecimento do Dr. Lopes

Sr. X: Disseram-me que, ha numerosos, o sr. publicou algo sobre os maniacos das colecções. Sobre isso posso fornecer-lhe dados interessantes.

E' preciso, primeiro, distinguir os coleccionadores cultos e de elevado espirito que buscam apenas obras de arte (pinturas, estampas, etc.) ou de alto valor literario (manuscritos, edições raras, etc.) — e os *maniacos* que amassam objectos sem interesse nem objectivo — a não ser para eles. Esqueçamos os dos selos, autografos, e desfilemos pelos raros exemplos: o compositor Clapissou, que reuniu 7.500 especies diferentes de... botões, e não sei quantos... apitos; dum *dilettanti* de Opera, frequentador do *Scala*, que juntou 350 pares de sapatos das bailarinas mais celebres do mundo e da sua epoca; etc. Anatole France fala-nos do coleccionador de caixas de fosforos varias e que *amealhou* algo como 357 mil! —; um assinante do jornal *Comedie* declarava, em carta, em Setembro



de 1911, que colecionara 11.780 rolhas de champagne dos banquetes de homenagem a que assistira; e que a mãe juntara 4.732 caixas de fosforos (cheias) de todas as marcas de todos os países do mundo.

Conheci, ha trinta anos, no Porto, um negociante, cuja mania eram os anéis dos charutos — tendo obtido, até então, algo como 5.000 variedades e em todos os idiomas.

Certo alemão, o professor Sabher, colecciona palitos para dentes — e exhibe 3.750 especimenes! Um musico de Cleveland reuniu 448 flautas diversas! Os historiadores citam os 4.395 cachimbos do duque de Richelieu (em 1823) no que era suplantado pelo museu do barão Oscar de Waterville, que constava de 7.543 — afirmando, este coleccionador, que alguns datavam de muitos seculos antes da descoberta do tabaco — mas que eram utilizados por avós seus que neles queimavam ervas especiais... E o barão nunca fumava nem sequer um cigarro. Mas de todas,

A propósito de colecções. — Os que colecionaram botas, caixas de fósforos e palitos. — 11.780 rolhas de champagne. — Os 7.543 cachimbos do barão Waterville. — Odio velho não cansa. — 15 anos a preparar um crime. — Mistérios dos pequenos centros da provincia

o mais macabro — macabro sobretudo por se tratar de um médico — é a Dr. Antonio Januario Lopes, que, durante muitos anos, exerceu clinica em Lisboa — mas que é natural desta provincia, para onde ha muito se retirou — e reuniu 1894... participações de falecimento!

Serve-lhe?

M. Costa

Anadia, 12-2-35.

Quinze anos a preparar um crime?

Senhor «X» — Os grandes diários de Lisboa e Porto, publicaram há dois dias, uma minúscula correspondência da vila do Rato em que, creio, poucos se fixaram. A noticia diz: «Joaquim Paulo, comerciante, de 55 anos, feriu gravemente, com uma machadada no crâneo, o proprietário Amélio Bernardes, de 49. Ambos eram muito conhecidos na região e respeitados por toda a gente. Havia muitos anos que tinham cortado relações. Desconhece-se o motivo da tragédia. Amélio Bernardes foi operado — havendo esperanças de se salvar. O agressor entregou-se à prisão.»

De facto Joaquim Paulo fôra íntimo de Amélio Bernardes — e a causa do seu rompimento, ao que se bichanou então, era um acto de deslealdade cometido pelo segundo — no qual estava envolvida a honra do primeiro, casado com mulher mais nova e leviana. Como é que só decorridos 15 ou 16 anos, o marido ofendido resolve castigar o amigo traidor? Eis o interesse novelesco — e secreto — deste «fait-diver» provinciano.

Desde a primeira hora em que soube da traição de Amélio Bernardo — Joaquim Paulo começou a viver para o seu ódio, no ante-gosto da sua vingança; mas, como bom aldeão aburguesado, prudente, velhaco, tenebroso — não admitia a hipótese de que essa vingança lhe causasse a qualquer sensaboria — e menos ainda a prisão, o degredo, o desmoroamento de toda a sua existência. Se Joaquim Paulo tivesse a inventiva «refiné» daquêle «Sanson» de Bernstein — teria arruinado o inimigo numa cilada de Bôlsa, embora essa vingança lhe custasse o melhor da sua fortuna. Como era apenas... Joaquim Paulo — usou de sistemas mais grosseiros — mas não menos maquiavêlicos. O que esse homem fez, em 15 ou 16 anos — para esmagar,

impunemente — o Amélio! Um dia o Amélio contratou uma criada que viera do Algarve, muito bem recomendada. Logo ao segundo dia, após o jantar, sentiu ânsias agónicas e recolheu ao hospital... Lavagens ao estômago — e, conclusão: tinha ingerido qualquer corrosivo violento, misturado na sopa. A criada sumia-se — deixando dito que recebera recado de que uma irmã de Faro eslavava a morte e que partia, correndo... Nunca mais se teve noticias dela — embora houvesse quem badalasse que era uma antiga amante de Joaquim, nos tempos em que vivera em Lisboa. Não têm numero os atentados, armados na sombra, contra a vida do Amélio — sem que nunca se pudessem precisar quem os urdia. O último teve longa preparação. Amélio fornecia-se de certa mercearia. Essa mercearia mudou inesperadamente de dono. Um rapazote, natural da vila e que estivera uns anos em França, conseguiu quem lhe emprestasse dinheiro para tomar o negócio. A partir dessa data a saúde de Amélio começou a fraquejar — a dele e a dos seus familiares. Amélio teve a perfeita noção que a morte se avizinhava — e o médico, impressionado por certos zunzuns, mandou fazer análise aos géneros alimentícios — fazendo descoberta



de doseamentos insignificantes de piconha nalguns deles. O dono da mercearia, por acaso ou... por ter tido bicho de orelha — pretextou uma viagem — e não voltou à vila do Rato. Constatou, depois, que fôra Joaquim Paulo quem lhe emprestara o capital para o negócio. Mas era tudo vago, desarticulado, insuficiente para uma acção policial — tanto mais que a reputação de Joaquim Paulo estava bem defendida! Mas, fosse como fosse, o plano, cruel e covarde, estava bem urdido. Alguns dos géneros que fossem para casa do inimigo, levavam uma pequena dose de veneno — que actuando, lentamente, no seu organismo — e no dos desgraçados que viviam com ele — acabariam por matar — sem que fosse fácil criar suspeitas berrantes nos médicos assistentes.

Quanto a mim, esta agressão agora cometida — correspondeu ao enraivecimento máximo do Joaquim, farto de ver fracassar todos os seus planos — e não querendo abdicar da sua vingança, se decidiu a uma acção directa e segura — embora com as amargosas consequências que elle quisesse evitar.

Castelo Branco, 17-1-935.

Manuel Chaves

**Quereis
dinheiro?
JOGAI NO**

Lama

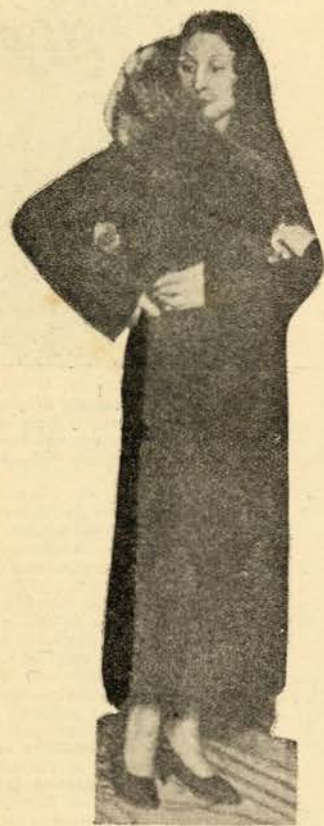
**R. do Amparo, 51
LISBOA**

Sempre sortes grandes

O Tráfico e a Bolsa ocultas das elegancias femininas

EXISTE, em Lisboa, um tráfico curiosamente organizado — o tráfico dos fatos, roupas, chapéus, sapatos e jóias, meias e sacos de mão — de todos os detalhes da *toilette* duma aristocrática dona ou burguezinha ou plebeia e vistosa apenas — mas elegante, com intuição do que é belo, amiga de se exibir com certo brilho, de aparentar de *algo* — sempre em paralelo com a moda — com poucos fundos para realizar os seus sonhos.

A maioria das leitoras do X — visio-no eu — acalenta os seus naturais apetites de uma apresentação «coquete» dispondo, para tal, além dos conselhos e dos modelos das revistas, da *Eva* ou da *Femina* — duma verba destinada a custear as despesas do vestuário. E como as nossas leitoras são criteriosas, antes de se decidirem a «misencenar» uma *toilette* — jogo algum tempo aos...



A baroneza fazia as suas compras luxuosas em Paris, premeditando o «negócio» em Lisboa

«*Toilettes*», chapéus, sapatos, jóias, meias, etc. — Últimas modas de Paris — a tanto por noute. — Como é feito o negócio. — Quem são as «roupieiras». — As grandes damas, as burguezas, as «burguezinhas», as quasi pobres, as artistas, as coristas, e frequentadoras de «dancings». — A odisséia dum fato que custou 3.000 francos na Rue de La Paix e acaba por ser cedido por tem escudos num camarim do «Maria Victória».

cinco cantinhos, entre os modelos recolhidos, os pregos do material e da mão de obra — e a quantia que possui para esse objectivo. Tecidos da qualidade A — a 220 escudos o metro — e da B — que... faz quasi o mesmo efeito e custa apenas 40? O atelier de Madame W..., da Avenida, — que nunca leva menos de um conto pelo feito — ou da D. Aninhas, à esquina da rua, improvisado numa estreita casa de jantar — mas barateira, coisa para 100 ou 120 escudos? Outras haverá, habilidosas, que dispensando as modistas, caras ou baratas, preferem o sacrifício duns dias de trabalho em casa, pedalando na «Singer» (... prestações) e cujos maridos se ufanam em levá-las à rua, pelo braço, e vê-las tão elegantes. — bons maridos mas ganhando pequenos ordenados...

Ora estas razões levam-me ao convencimento de que as nossas leitoras ignoram o que é o tráfico das *toilettes*.

Onde começa o tráfico

... Começa de muito alto — e na melhor sociedade, pelas famílias em re-vez de meios com o esplendor que querem manter — sem se rebaixarem ao trabalho... A baroneza Z vai a Paris e fornece-se dos «últimos» — não no centro mas nas modistas de 2.ª e 3.ª classe — que ainda de alta categoria mais infinitamente menos exigentes nos preços. Os trapos pertencem a sr.ª baroneza, vêm na sua bagagem; não trazem etiquetas, foram estreados... Uma vez em Lisboa a baroneza apenas exhibe um terço das compras — como reclame discreto... Entretanto chamou a sua «roupieira», fechou-se com ela, combinam preços...; e a roupeira anda dois dias numa roda-viva pelas clientes que sabe necessitadas, de *toilette* — tudo em segredo, sem confidências, mentindo todas umas às outras. Pouco depois está o lance arrematado. A baroneza vendeu por 2000 — o que lhe custara 1000; a roupeira transacionou por 3000, o que lhe custara 2000 — mas que, se a cliente fôsse comprar à Rue de La Paix ou



Todos os dias... mudava de *toilette* — e sempre elegante

mandasse fazer em Lisboa lhe custaria 4000.

Já se vê que uma *toilette* muito vista — perde rapidamente o valor, deixa de atrair olhares e provocar despeitos. E a altura das que compraram por 3000 chamarem as suas *roupieiras* de vendas, as que lhes convem — visto que as outras, as das baronezas só trabalham naquele meio. E o fato é vendido, «como novo» pelas roupeiras de 2.ª classe que dão por ele 1000 — soma que vai facilitar às freguezas a compra de novos parisianismos...

Estas roupeiras manobram já noutro meio: no das «burguezinhas vaidosas» que começam a voar, mas ainda sem largueza de recursos — ou que vivem apenas a sonhar, luxando através de todos os sacrifícios e audácias... As primeiras compram; as outras alugam... Todos os meses a dona Tal passa revista à clientela com um criado sobraçando as trouxas... as *toilettes* são expostas sobre os móveis, apalpadadas, remechidas, experimentadas ao espelho, afo-guando as faces dos manequins que regateiam pregos — que... talvez dali a uns dias...; «que o marido está a fechar um negócio...»

Se há convite para jantar ou bailarico soene, e, sobretudo, se vai a fedúncia da Cicrana, a desagitada da Beltrana, manda-se recado — e então a roupeira veste-a dos pés à cabeça, sapatos, uma jóia, etc. — se a pessoa é de confiança, *toilette*, leque de penas, saco de mão — muitas vezes... meias — e até a última «novidade» de Paris, um estojo de maquilhagem ultra-chic (de que ela dirá depois que foi o marido que lhe trouxe da sua última viagem...) Ajustam-se os preços do aluguer — marcam as horas a que poderá vir buscar tudo... «—Olhe... É possível que depois de amanhã tenha outra festa... Se não lhe fizesse retorno...»

Não existia — nem suspeitava de outra festa; mas é ela que não se resignou a provar, apenas uma noite a guloseima

(Continua na pág. 14)

O processo mais discutido dos últimos tempos

As «últimas» do processo Hauptmann

O milagre de amor de uma mãe

ERA nossa tenção não voltarmos a matraquear neste já ensurdecido processo Hauptmann — ou seja: o caso do rapto do filho de Lindbergh. Tomou ele porém, tais aspectos nos últimos dias — que, mais por dever jornalístico do que por espontânea iniciativa — vamos dedicar-lhe algum espaço — e aproveitando a oportunidade, damos *rendez-vous* nestas páginas a uma colecção de fotos sobre o assunto — colecção com que os nossos arquivistas vinham, pavorosamente, engrossando os *dossiers* referentes a este *affaire* e colhidos em todos os documentos serios que lhes caíam às mãos.



Miss Betty Gow, sempre inigmatica, a «nurse» do filho do aviador cujas declarações eram aguardadas com ansiedade — fotografada à chegada a New-York

Quanto aos tais... «novos-aspectos» — um mereço estudo à parte, uma focagem especial — porque foi, de facto, o que mais vibrou na sensibilidade das massas, o que enlaçou e dominou o instinto romântico das multidões internacionais que desvairavam em epilepsias aguilhoadas por sentimentos extremamente opostos: o aspecto com que a mãe do condenado acartazou este *film-Hollywood* — surgindo inesperadamente, num final de acto *trisson*, num *truc* de teatro sensacional — tanto mais sensacional que...



Um inocente, pela certa: o filho mais velho de Hauptmann

não foi premeditado, não levou... «água no bico».

Muita gente restringe o sentido da palavra *multidão* à ideia de milhares de indivíduos agrupados, amassados, coagulados numa só mancha — mancha rica de elasticidade e de dinamismo, rolando, hipertrofiando-se, atrofiando-se, contorcendo-se, tomando as formas geométricas mais inverosímeis — mais *indivisível*! E no dogmatismo desta visão de indivisibilidade julgam que essas multidões vivem as 24 horas do dia, e os dias da semana, e as semanas do mês — assim, coaguladas, em recula, quer nos dormitórios e nos refeitórios, quer nas manifestações da praça ou nos momentos em que os utros indivíduos, os não recrutados, costumam estar... *sózinhos*... Esquecem-se que uma multidão dura sempre pouco tempo — por mais activa, desastrosa ou útil que tenha sido a sua acção... Rapidamente se dispersa — se escoa — se divide — embora no dia seguinte, ou horas depois torne a reunir...

Quando a multidão se estilhaça, se esfarrapa — cada componente regressa ao seu grupinho — ao seu lar, à sua fabrica, ao seu café. Aí a alma e o cérebro que eram pequenas peças duma broca gigantesca — individualizam-se, libertam-se das influencias da *grande colectividade* — e ficam sob o seu proprio dominio. Mas é precisamente quando a multidão está dividida — que ela gestiona as suas grandes manifestações.

Um film... «signé» Hollywood. — O que são as multidões. — O que é a multidão americana — a que ainda queima pretos. — A multidão quando se divide. — A série de circunstancias milagrosas da intervenção da mãe de Hauptmann. — Como as suas palavras chegaram a Berlim. — A accção dum reporter do «Tage-Zeitung». — A metamorfose da opinião pública. — A partida da velhinha para a America. — A mania das estatísticas e dos «records». — O caso do jurado cardíaco. — A fúria cinica das apostas. — O dinheiro que se jogou sobre a cabeça de Hauptmann

Exemplo: Durante quasi dois anos remoeu-se, num realejo continuo, a dor dos esposos Lindbergh, pais amantissimos cujo filhinho pequeno fôra roubado por facinoras que exigiam dinheiro para o entregarem; que esses facinoras, impacientes dos «desiluidos» — se apressaram a libertar-se do fardo que os podia comprometer assassinando, a frio, um *baby* louro, de dois palmos de altura...



Os detectives estudando *sur place* (no cemiterio de Versey) as declarações do Dr. Cordon que afirma ter ali entregue o dinheiro do resgate a Hauptmann

Se esses episodios, em folhetins, fazem esguichar dos lagrimais jactos de água, quando lidos através da fantasia dum romancista — como não deviam impressionar as almas — sendo uma triste realidade?...

Outrora, nas companhias de melodrama, o actor que fazia de cinico, era muitas vezes obrigado a sair do teatro custodiado pela policia — visto que uma *troupe* de espectadores, inconscientemente furiosos por tanta patifaria que o cavalheiro cometera... no palco — e, sobretudo, apiedados pelo calvario dos *inocentes* que elle inquisitoriara — o esperava de cacetes — e até com navalhas — prontos a fazerem justiça mal elle apparecesse na rua! Era então uma gloria para o artista — esta de conquistar o odio do publico!

As gentes são sempre as mesmas, por mais que a civilização as queira galvanizar e se elas, por um inegavel senti-

mento de justiça e até de piedade — ce-gavam ao extremo de pretender linchar o autor de um... simulacro de crime — mais logicamente cegam ante um criminoso que julgam autentico!

Mas as noticias que bruscamente surgiram sobre a mãe de Hauptmann — metamorfosearam tudo... Cada peça da multidão — no seu lar, na sua fabrica, no seu café começou a discuti-la, a reflectir, a comover-se — a mudar de opinião... E hoje — essas mesmas multidões que só lamentavam que o alemão tivesse um só pescoço para não poder ser enforcado três vezes, começaram a coagular-se, a manifestarem-se, exteriorizando as suas duvidas, convencidas que a sentença não foi justa!

O que pode uma mãe — e o que são as multidões!

Os milagres de amor de mãe

«...e o que são as multidões!»

«— Soltem-no! Entreguem-no ás nossas mãos! Nós nos encarregaremos de o executar — mas lentamente, para que pague bem o que fez! — bradava a multidão local, homens e mulheres, plebeus e burgueses, a multidão americana — a que costuma duchar de petroleo os negros e lhes deita fogo, transformando-os em archotes humanos — ao menor pretexto — porque o unico, o verdadeiro é o de que incomoda a sua sensibilidade a presença de individuos de cor no seu país...

Pois bem... Quando a America e o mundo se mantinham nesta hostilidade rancorosa — vivia, num canto de aldeia, uma pobre velha, pobre em tudo, sem recursos, sem forças, sem illustração, nem apadrinhamentos, sem iniciativa ou energia — a mãe de Hauptmann. Mas o seu «amor de mãe» miraculou-a! Ignorando distancias, dificuldades, leis, — exigencias economicas duma viagem — mal sabendo ler e escrever — ergueu-se e disse:

«— Meu filho está inocente! E sou eu quem vai salvar meu filho da forca!

Metamorfose immediata, imprevista, à *la minute*; metamorfose quasi biblica... Ela podia erguer-se e pronunciar aquelas duas frases — e ser apenas escutada por dois visinhos caridosos que a estivessem consolando! Tudo fazia prever que o seu gesto e palavras — não perfurariam as paredes do seu casebre! Primeiro milagre... Elas chegaram a muitos quilometros de distancia; a Berlim, por misterioso T. S. F. do Acaso — aos ouvidos dum redactor do «Tage-Zeitung» que immediatamente parte para a região; que perde um dia inteiro, em auto, a descobrir a aldeia, que consegue, por fim, abordá-la; e a entrevista, a fotografia, a anima, a aconselha... E regressando a Berlim incendeia a fogueira dum movimento generoso: publica um belo artigo, feito de piedade e elevação, illus-

tra-o com o retrato da velhinha — e no dia seguinte esgotam-se edições; as agencias transmitem a noticia para todos os países, para todos os continentes; e toda a imprensa alemã secunda *Tage Zeitung* na sua campanha...

Segundo milagre: o povo alemão comove-se e em poucos dias a mãe do condenado recebe de todos os lados o di-



O detective alemão Franz Markly, considerado dos mais famosos da Europa — que acompanhou a mãe de Hauptmann à America — custeado por subscrição pública, e que declarou: «— Hauptmann está inocente, e sei como prová-lo!»

nhiero de que necessita, oferecem-lhe conselhos, orientam-na, embarcam-na, protegem-na, mimam-na, expedem-na para a America.

Terceiro milagre: Todas essas multidões que ululavam, a babarem-se, vam-

Em cima: O tão discutido Dr. Cordon (que diz ter entregue o dinheiro a Hauptmann num cemiterio) tendo à esquerda Lindberg e à direita um detective — folheando os arquivos de fotografias da policia de New-Jersey. Em baixo: O cartaz em que eram oferecidos 100.000 dolares a quem desse a pista do bebé raptado.

WANTED
INFORMATION AS TO THE WHEREABOUTS OF

CHAS. A. LINDBERGH, JR.
OF HOPWELL, N. J.
SON OF COL. CHAS. A. LINDBERGH
World Famous Aviator

This child was kidnapped from his home, in Hopewell, N. J., between 9 and 10 p. m. on Tuesday, March 1, 1932.

DESCRIPTION:
Age, 20 months; Height, 27 to 29 in.; Weight, 25 to 30 lbs.; Eyes, dark blue; Hair, light brown; Complexion, light; Deep dimple in center of chin; Dressed in one-piece rayon night suit.

ADDRESS ALL COMMUNICATIONS TO:
COL. H. H. HARRINGTON, TRENTON, N. J., AT COL. CHAS. A. LINDBERGH, HOPWELL, N. J.

ALL COMMUNICATIONS WILL BE RETURNED TO: HARRINGTON, COL. H. H. HARRINGTON, TRENTON, N. J.



Ana Hauptmann, esposa do suposto criminoso, tendo ao colo o filho mais novo — Manfred

História completa das Organizações secretas nos Balkans

A península balcânica, tão heterogênea de raças e de crenças religiosas e políticas é fértil em associações secretas, umas mais, outras menos terroristas, mas todas elas usando a violência e o assassinio para a consecução dos seus fins.

Em 1908 fundou-se a *Narodna Odbrana* que em 1910 contava já com 233 núcleos locais. Um dos seus primeiros actos terroristas foi o assassinio do rei Alexandre Obrenovitch e da rainha Draga. A este rei sucedeu Pedro Karageorgievitch que mais tarde havia de ser exilado sucedendo-lhe, por seu turno, Alexandre que foi assassinado em Marselha em outubro do ano findo. Foi seu primeiro ministro o assassino da rainha Draga Giocovitch. Como o destino é cruel!

Em 1911 Dragutine Dimitrievitch-Apis então chefe do serviço de informações do grande estado maior serviu fundou uma nova associação secreta a que deu o nome de *União ou a Morte*, designada, também, pelo nome de *Mão Negra* que foi colocada fora da lei pelo chefe do governo Pachtch, em 1917. Era então príncipe regente, o assassinado de Marselha que condenou a morte os chefes deste organismo secreto. A sua execução foi levada a efeito em Salónica, sob a acusação de entendimentos com o inimigo. A esta organização sucedeu outra da mesma natureza — a *Mão Branca* que fôra inspirada pelos dirigentes da *Narodna-Odbrana*. Hoje é esta associação que inteiramente domina em toda a Jugo Esclávia.

A tragédia de Serajevo foi uma das obras da *Mão Negra*. Gabrinovitch e Princip foram os instrumentos, os braços executores armados por Dimitrievitch-Apis que confessou este facto horas antes de ser executado. Nesse atentado foram cúmplices os capitães Rada Popovitch, Chatatz Prvanovitch, Loznica, e outros ainda. Apesar de tudo e... só mais tarde em 1919, a Sérvia conseguiu incorporar no seu território, a Bósnia Hazegovina.

E tudo isto porquê? Porque os Balkans são constituídos por raças tão diversas e irrequietas. Todos os estados um pouco maiores querem absorver os mais pequenos. Dentro de cada um dos pequenos estados contém dentro das suas fronteiras povos das mais variadas espécies.

Na Macedónia, por exemplo, existe desde 1893 uma sociedade secreta, a O. R. I. M. que quer dizer *Organização Revolucionária Interior da Macedónia*. Tem por distintivo uma caveira sobre duas tibias cruzadas com a seguinte divisa: *A liberdade ou a morte*, igual à da organização croata dos *Ustachis*, autores do atentado de Marselha e aliada da O. R. I. M. A *Organização Revolucionária Interior Macedónia*, pela sua actividade, atinge por vezes o heroico; criminosa e implacavelmente cruel, se bem que desinteressada; com seus assassinios intestinos, constitui para a Europa um perigo permanente contra o qual a S. D. N. pretende prevenir-se.

Não devemos esquecer, contudo, quanta miséria, quantas lutas fanáticas, mas por vezes épicas esta organização sustentou outrora contra o domínio turco!

Tem os seus heróis romancescos, len-

A «*Narodna Odbrana*» e o assassinio de Alexandre e Draga — Dimitrievitch — Agris, chefe da «*Mão Negra*». — A execução de Agris e o atentado de Serajevo. — A O. R. I. M. e os seus chefes. — A morte do poeta Lubomir

dários, cujos feitos são contados e recontados nas aldeias incravadas nas montanhas. Existem, entre os seus filiados, intelectuais, sábios, poetas de talento, que se fizeram vagabundos por amor da independência macedónia.

Em 1878 o congresso de Berlim man-



O poeta Lubomir

tinha a Macedónia sob o domínio turco. A cada passo rebentavam revoluções, em vários pontos. As sucessivas derrotas fizeram nascer no coração dos patriotas macedónios a ideia de preparar metódicamente a revolução libertadora. Em 1893, Damião Grueff, Péré Totchek fundam o primeiro comité central e no ano seguinte, num congresso, nas margens do lago Ocrida, unia-os a Detcheff e Cristo Matoff. Foi de dez anos o período de preparação da revolta que rebentou a 2 de Agosto de 1903 no distrito de Bitolia, mas no fim do outono tinha sido sufocada, terminando pelo massacre de 2.129 homens, 2243 mulheres levado a efeito pelos turcos que incendiaram 9.830 casas deixando sem abrigo cerca de 60.000 pessoas. A Macedónia quando seguiu o regime jovem turco, fê-lo, a princípio, cheia de esperança e a O. R. I. M. tornou-se um partido dentro do Parlamento, o que pouco tempo durou. A quando da guerra dos Balkans, os aliados balcanicos encontraram nas tropas da O. R. I. M. ho-



mens de elite a que se seguiu a luta fratricida entre os vencedores que terminou pelo tratado de Bucareste que esfacelou e dividiu a Macedónia. Começou, depois, uma luta selvagem, uma guerra sem tréguas ora contra a Jugoeslavia que tentava servir os povos anexados, ora contra a Grécia; de tudo houve nessas lutas: emboscadas, atentados, motins, ameaças... A própria O. R. I. M. se ia esfacelando intensamente; Protogueroff assassinara o chefe Todor Alexandroff, sendo — porém — morto em seguida pelo chefe actual da O. R. I. M. Makaëlloff. Numa apreciação como esta há heróis e há mártires; há homens rudes, selvagens e, por vezes, cruéis. Não respeitam a lei, são capazes de incendiar a Europa desde que esteja em perigo a liberdade da Macedónia. São homens perigosos, organismos que é necessário vigiar de perto para que a paz da Europa não sofra alteração, mas cheios de grandeza: extraordinárias sombras de homens de outras eras muito remotas! Entre eles Gossé Deltcheff, dotado de uma espécie de ubiquidade, brincava com os esbirros que lhe lançavam no encalço. Outro, Todor Alexandroff, assassinado em 1924. Edward Long descreve-o desta maneira: «de estatura mediana, de bela barba negra, semeada de alguns fios prateados e o usual fato dos franco-atiradores; maneiras graciosas e polidas, aristocráticas, até, brilhando-lhe o fogo dos apóstolos nos olhos penetrantes, lábios finos e descorados — uma face de Jesus. Ei-lo o *Cristo das montanhas*». Foi um chefe lendário alunchado de Velho.

Outra silhueta, a de Lubomir Vessoff, o poeta que, sem esperanças, abraçou a causa, para ele santa; e sem esperanças porque ele próprio confessava: «Para que serve a guerra? Seremos ven-

(Continua na página 15)



Um tipo de macedonia



Um pesadelo-sintoma de dilatação do estômago a comprimir o coração: o da queda. Um indivíduo que desce uma escada mas que não consegue pousar os pés nos degraus...

FOI a propósito do último livro do famoso o desenhador-filósofo francês — Jean Bruller «Nouvel clef des Songes» — que tivemos conhecimento da existência do sr. Maximiliano de Castro — o «maior colecionador de sonhos e pesadelos» de que temos notícias. Folheávamos o álbum de Bruller — que, farto de nos apoucar, ridicularizar, nas ações e atitudes conscientes — enclavinhou as garras no nosso sub-consciente através os contorcionismos misteriosos do nosso espírito — nas horas descaptivas do sonho. Os desenhos são, de facto, impressionantes — pela forma como tudo o que é vago, inconsistente, anormal, em medidas de tempo e de espaço, num sonho, se fixa na grafia — como se o autor tivesse ido supreender, com um kodak de reporter, as culminâncias dessa «outra vida» durante o sono dos seus semelhanças!

Os decifreadores de sonhos

«O inigma dos sonhos tenta sempre artistas e escritores, filósofos e magos! — comentou alguém, botando a erudição sorvida no último «Almanaque Bertrand». — Os imperadores guerreiros dos velhos tempos — não avançavam para os campos das batalhas — sem levar consigo alguns decifreadores da especialidade — agregados ao exército como elementos indispensáveis. E todas as manhãs — os imperadores confidenciavam-lhes os sonhos de que se recordavam, correspondentes à noite finda; os decifreadores explicavam o seu sentido — os avisos, as profecias, os conceitos que continham — e era esta interpretação que orientava a estratégia do chefe, frente ao inimigo...

«As tradições foram acumulando, de século para século, centenas, milhares de lendas a este respeito — nascidas não se sabe onde, vindas não se sabe de quem, mas que ainda hoje são dogmáticas para muita gente. Basta dizer que, no início da nossa Era — aí pelo ano de 15 ou 20, um grego residente em Roma, o melhor afreguezado de todos os decifreadores da época, reunira algo como 8.000 interpretações — todas recolhidas nas tradições, sem qualquer base científica! Conta-se que a derrota dos troyanos foi devida a um dos generais da cidade sitiada não ter dado ouvidos ao decifrador — que lhe dissera, ao interpretar um sonho — que o único pe-

Uma entrevista com o Dr. Maximiliano Castro

Colecionador de sonhos e pesadelos

de todas as épocas e de todas as grandes individualidades, históricas e modernas

Os «explicadores» antigos. — Porque se perdeu Troia. — O mouro do nosso D. Pedro I. — Os sonhos de Cramwell. — Napoleão, a vitória de Wagram e a profecia de St. Helena. — Um pesadelo de Baudelaire. — Sonhos célebres. — Cinco volumes de sonhos e pesadelos.

rigo que corriam era o de abrirem a porta... ao próprio inimigo, que entraria em Troia nas entranhas duma besta monstruosa...

«Existiram também os que — por ingenuidade ou não — encaram a decifração dos sonhos — como uma ciência, aproveitando da tradição apenas os elementos de apoio, e dedicando-se a essa ciência com a máxima gravidade e honradez. O mouro Abd-el-Albager, muito apadrinhado pelo nosso D. Pedro I — só diagnosticava após longas horas de estudo, incluindo todas as circunstâncias acessórias ao «sonho» — como peças influentes para a decifração. E garantem que o mouro jamais sofreu um desaire. Eram sempre proféticas as suas interpretações.

E um terceiro do grupo, julgando ver-me interessado pelo assunto — indagou:

«Conheces o Maximiliano de Castro — tio do teu amigo João de Castro? Não? Ele costuma aparecer por aqui, às noites, muito abetado por causa da bronquite, bebe o seu chá, fureja algum sonho ou pesadelo novo, que lhe falte, e ao dar as onze recolhe ao seu cacifo, aí para as Mercês...

«— Sonho ou pesadelo que lhe falte! — repetimos, sem compreender...

«Sim, homem! O Maximiliano de Castro há mais de trinta anos que coleciona sonhos e pesadelos. É uma figura original, impar, sem sozia — e a sua colecção é admirável! Se queres, combinamos uma noite e...

Cincoenta volumes

O sr. Maximiliano de Castro é magro, deve orçar pelos sessenta — mas conserva toda a frescura jovem do olhar, espelho do seu espírito. Quando se lhe fala da sua colecção, os olhos faúlam de orgulho, recebe-nos num estreitíssimo escritório cujas paredes estão atapetadas com estantes; e estas recheadas de álbuns encadernados a vermelho.

«A minha colecção? Ei-la! São estes cinquenta álbuns! E já tenho quase material para mais um...

— ?

«Sempre me seduziu o mistério dos sonhos. E comecei — muito novo ainda — pela leitura de obras sérias das que tratavam. Fui reunindo elementos — e consegui uma importante antologia com os sistemas mais diversos e até antagónicos de decifração. Se quizer saber em que se baseavam os explicadores da Persia ou da Índia, do Egipto ou da Grécia, os da mais recuada antiguidade e os modernos ou de qualquer século — bastava folhear os meus três primeiros volumes, todos manuscritos, porque nunca pensei — e hoje muito menos — em pas-

sar esta obra pelas linotypes da imprensa. Porquê? Ora! Porque creio que só a mim interessa — porque não existem, em todo o mundo, o número suficiente de maduros da minha força que oferecessem um contingente suficiente de leitores para imprimir... cincoenta álbuns.

«Mas... continuando: julguei então, ao terminar essa... antologia (*passez le mot...*) que esgotara a minha mania! Pois não senhor. Passei dias e noites nervosíssimo, neurasténico, nostálgico das emoções das horas que passara a escrever e a ler sobre a matéria — e... acabei por me decidir prosseguir-la. Dediquei-me então as decifrações populares, sem lógica nem ciência, confiadas apenas na tradição e na lenda. Foram mais algumas centenas de folhas rabiscadas — porque reuni *manuais* ou *chaves* de quase todos os países e épocas. E foi ao esgotar também este assunto que eu entrei, de *verdade*, na matéria *inesgotável*, na minha verdadeira colecção, naquela em que trabalho há quase trinta anos e para o qual todos os dias encontro ineditismos — quando não emocionantes, pelo menos perturbadores: A colecção dos «Sonhos e dos Pesadelos»!

(Continua na página 12)



O pesadelo dum músico: chefia uma fanfarra e nenhum instrumento aêa

OS MISTÉRIOS DA AVENIDA DA LIBERDADE

EM todas as capitais há ruas estranhas, ruas sobre que paira um oculto fatalismo que as ameaça continuamente.

Paris tem a Rua de «S. Didier», Londres a de «Uxbridge» — que só por si bastava para muitos romances a «Edgar Wallace» — e Berlim a «Unter den Linden».

Nós temos a Avenida da Liberdade. Por mais estranho que pareça é assim mesmo. A nossa Avenida bateria todos os «records» em competição com as ruas mais fantasmagóricas do mundo.

São mil e um casos inéditos, vívidos e palpitantes, que nunca obtiveram explicação.

Jamais nos atreveríamos a falar deles se não tivessemos surpreendido as manobras de um americano, actualmente entre nós, homem que traz consigo e procura pôr em prática estranhos desígnios que... Devagar... devagar...

Um cavalheiro americano que...

Num dos prédios fronteiriços ao monumento aos mortos da grande guerra, instalou-se aí por alturas de 1929, um tal senhor Dominguez, natural de Medina que se intitulava professor de violino e de solfejo.

Por essa razão ninguém estranhava que apenas com um criado ele ocupasse as 15 divisões de que o andar se compunha.

Os alunos porém é que nunca apareciam e o sr. Dominguez fazia uma vida de nababo com automóveis caros, amigos que nunca passavam da porta da rua e mulheres suspeitas do «Maxim's».

Estranhava a vizinhança o viver do «espanhol» — como lhe chamavam — sem nunca perceberem a razão porque vedava ele a porta da sua casa às relações que criava e aos amigos com que era visto.

Mas... um dia o sr. Dominguez desapareceu repentinamente como se o fumo o tivesse levado consigo. Foi o criado quem se encarregou da liquidação das contas com o senhorio e da mudança de todo o recheio das 15 divisões. Apenas 2 mobílias de quarto e o resto uma montanha de pequenos caixotes que intrigaram toda a gente.

Dai a alguns meses em Madrid descobriu-se uma tremenda falsificação de notas de 100 pesetas.

De investigação em investigação veio a polícia a saber que elas tinham sido feitas no estrangeiro por um tal Xirgu, catalão de nascimento, que preso na fronteira se declarou único autor da burla.

Pelos retratos vindos nos jornais a vizinhança do sr. Dominguez jurou que se tratava, nem mais nem menos, que do criado do «espanhol» o único homem que com ele ocupava 15 divisões e foi o portador de um «Everest» de caixotes, para sítio desconhecido.

O mais estranho disto tudo é que o sr. Dominguez não há muito tempo foi visto na rua da Esperança onde mora, com um outro criado, ocupando ambos um 4.º andar com 11 divisões. — que será a vida do sr. Dominguez?

As ruas fatais.

— Um professor que pode ser um moedeiro falso. — Rocambole em Lisboa. — O automóvel «grenat» que... — Um americano de designios indefinidos

O automóvel «grenat»

Todos estes casos nos são contados por M... M... «double» de «sensacionalista» e de actor a quem o teatro de Opereta muito deve.

Por ocasião dos últimos acontecimentos revolucionários na Alemanha, numa Pensão da Avenida da Liberdade vieram hospedar-se um cavalheiro e uma senhora, ainda muito nova que se diziam naturais de Inglaterra, muito embora o seu físico e a sua pronúncia denunciassem uma insofismável origem germanica.

A vida que faziam era a mais normal possível sem grandes ostentações nem grandes economias.

O meu amigo. M... M... notou-os e notou também um outro caso que a sua cabeça, num turbilhão de novelesco, imediatamente relacionou. Costumavam esses estrangeiros, pela tarde, dar o seu passeio até aos Restauradores onde tomavam um chá em qualquer dos cafés aí existentes.

Enquanto esse passeio durava, um automóvel «grenat» aerodinamico e garrido sirandava numa insistência doida pela Avenida — abaixo e acima detendo-se um pouco mais junto aos misteriosos passeantes. Logo que o casal recolhia à pensão o automóvel nunca mais era visto.

Tantas vezes M... M... notou o facto que se resolveu pôr o caso a limpo — como se costuma dizer.

E assim veio a saber que o tal cavalheiro se chamava Smith e a senhora que o acompanhava Edith. Pai e filha — dizia-se — mas... pernoitavam no mesmo quarto.

Um dia ou antes uma noite...

Rocambole em plena Avenida

M... M... começou a tentar descortinar entre os vidros do automóvel o «chauffeur» que o guiava. A marcha, no entanto, era sempre tão apressada que mal se conseguiu ver através do «para-brizes» uns cabelos alourados e uns olhos cintilantes que se confundiam com o cristal.

Um dia tirando-se dos seus cuidados tomou um «taxi» e seguiu o misterioso automóvel.



O «chauffeur» e proprietário do carro era um alemão, há 4 anos em Portugal, sem profissão definida. — Propaganda subversiva — dizia-se.

Uma noite no regresso do costumado passeio Mr. Smith e a sua companheira foram mais do que nunca assediados pelo estranho automóvel que até ali anda não haviam notado.

M... M... por acaso estava atento. De súbito uma nuvem branca envolveu os dois estrangeiros. Quando esta se dissipou Mr. Smith e Miss Edith haviam desaparecido como se o chão os tivesse tragado. O automóvel quando M... M... fez um movimento para acudir, já voltava o monumento do Marquês de Pombal numa correria doida. Aproximou-se então do local onde o desaparecimento se efectuara, sem o mais pequeno alarme de luta ou grito de angústia.

A atmosfera estava viciada exalando um cheiro estranho que causava tonturas.

Na pensão, como os pseudo-ingleses não mais tivessem aparecido comunicaram o caso à polícia. As malas foram abertas e dentro delas... nada foi encontrado.

Os jornais noticiaram mais uma vigarice e tudo passou ao arquivo policial dos «processos sem solução».

M... M... procurou o alemão misterioso do automóvel «grenat».

— Tinha desaparecido também.

Onde está a incognita deste problema?

Um professor falsificado

Mais casos — e muitíssimos mais — havia para contar.

O roubo do automóvel «Citroen», as «Máscaras de cera do dr. X», «Os tiros na noite que não ferem ninguém», dariam outras tantas novelas cheias de imprevisto e de emoção.

Não o queremos fazer. A maioria não acreditava nelas, que para nosso mal, são bem verdadeiras.

Se viemos superficial a este assunto foram — como já dissemos — as manobras ocultas de um cavalheiro americano que a isso nos obrigou.

Vive, este senhor, num hotel da baixa recomendado pela S. P. P. Os seus

(Continua na página 15)

As gravuras sensacionais da imprensa mundial

Um salvamento heróico



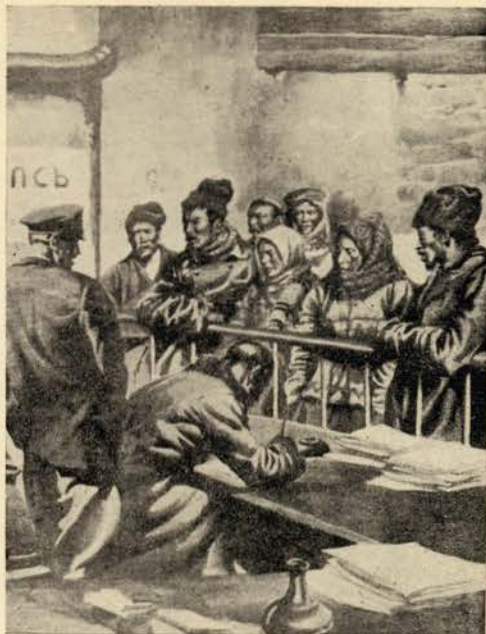
Um hidro francez, obrigado a descer no Ártico pela tempestade — estaria perdido se um gazolina italiano de Pirma não lhe acudisse salvando os tripulantes — entre os quais uma senhora

Uma «sportwaman» em embarações



Uma americana, Miss Edith Watson, que praticava sports de inverno na fronteira da Rumenia, sempre sózinha, viu-se perseguida por uma alcatéia de lobos — sendo obrigada a trepar uma árvore — donde a libertaram uns camponeses da região

Divórcios em série, na Rússia



No dia em que foi conhecida, uma aldeia de Caucasia a lei do divórcio em série (economia de rapidez: 1 rublo e 24 horas de espera) apresentaram-se na repartição 85 casais!

Desastre numa praça de touros, no México



Em Medina (México) realizava-se uma corrida sensacional. Afluiu toda a população. A meio do espectáculo aluíram as bancadas. 70 mortos e 500 feridos

O Tráfico e a Bolsa ocultas das elegancias femininas

(Continuação da pág. 7)

de se ver admirada dentro de um figurino tão brilhante, moderno, original... e caro!

Conta-se que uma menina da Estrela, graciosa de físico e de espírito — mas um pouco de coqueterie — casara muito mocinha com um empregadote bancário, bem colocado mas ainda sem elasticidade de ganhos para atender aos luxos da esposa. Esta resolveu o problema — alugando-os às *roupeiras*; e como iam assiduamente aos salifres burgueses, jantares, etc., e como variava sempre de *toilette*, sapatos e capa — um superior do banco começou a fazer cálculos. «Este mês já a vi com três *toilettes* diferentes; qualquer delas para cima de 500 ou 600 escudos; e o mês passado e outro e... — sempre fatos novos. Ora o marido ganhou 1.800 escudos. Não chega.»

E assim se criou uma grave suspeita sobre o moço — que era honestíssimo e que facilmente o provou. E o mais curioso é que essas 3 *toilettes* do mês tinham-lhe ficado... por 150 escudos — graças aos descontos com que a simpatia da *roupeira* lhe facilitava o negócio...

Quando estes «modelos» estão batidos — cansados — as 2.^{as} *roupeiras* desfazem-se deles, enquanto é tempo e enquanto, com uma semana no hospital das costureiras, é fácil dar-lhes uma ilusão de relativa juventude. Vêm então as 3.^{as} — mais modestas, menos protocolares. Quando uma *toilette*, que em Paris custou dois contos e que as 2.^{as} *roupeiras* adquiriram por 700 escudos — chega às mãos das 3.^{as} todo o regateiro se limita aos cem ou duzentos escudos — e muitas vezes — caem numa discussão oscilante entre 70 e 90 escudos! Mas quando as 2.^{as} vendem uma *toilette* por esse preço — já ela lhe rendeu vinte ou trinta vezes... isso — em aluguéis!

As 3.^{as}, antes de espalharem a moda pela sua clientela especial — deixam os modelos nos seus *ateliers*. Todas — até as de 3.^{as}, têm *ateliers* próprios, com bom recrutamento de pessoal e dispõem de capitais — por vezes... sérios! É raro que aceitem financiamentos...

A missão do *atelier* é copiar um modelo de cada — mas feita em tecidos que, embora mais espalhafatosos — seja ao alcance de bolsas muito modestas. Só então as *roupeiras* empingem as *toilettes* compradas a artistas de 2.^a classe ou frequentadoras de *dancings* e *bars* — para lançar a moda! São estes os dois meios que as 3.^{as} dominam: palcos de certos teatros, residências de certas damas... Vêm logo as 3.^{as} e 4.^{as} artistas, as «discípulas» e as coristas, as *tanguistas* e *capillons*, todas a encomendarem *toilettes* daqueles modelos — que os *ateliers* desataram a fabricar em série... Uma havia que, quando queria ganhar o dobro num trajó novo — dizia à cliente que era velho... em 2.^a mão — que fora comprado em Paris, por Madame Z...; e a ingénua delirava — pagando o que lhe pedissem.

E são centenas as que pululam por aí, afanosas, mourejando, calcurreando todo o dia, inteligentes — e quase sempre insinuantes. São elas o segredo de muito luxo, que o bisbilhoteiro, não sabendo explicar — calunia... Sem elas muitas mocinhas viriam esfumadas as suas ilusões de um dia ou uma noite de elegância parisiense...

R. F.

As «últimas» do processo Hauptmann

(Continuação da pág. 9)

«—Terá ela razão? Estaremos nós procedendo como criminosos pedindo a vida dum inocente?»

E todas as razões que tinham brotado do cérebro pouco culto da velha — que pareciam só dela e para ela — se alastram e contagiam «toda a gente»... Ela, a quasi analfabeta, a decrepita, a que jamais saíra da sua modestíssima aldeia alemã, impusera ao mundo a sua logica, o seu convencimento!

Era mãe, senhores... Era mãe!

R. X.

Os que jogaram sobre a cabeça de Hauptmann

Poucos processos terão acumulado tantos episódios e notas estranhas como este.

Vamos apontando alguns que espiohamos na imprensa americana e na europeia — mas ineditas entre nós.

Por exemplo. O processo, como se sabe, durou uma eternidade, ultrapassou, em tempo, os mais longos. Pois bem: por um triz que não se viam na necessidade de o recomçar — o que lhe daria aspectos novos e — quem sabe? — novas directrizes! Um dos jurados era um cardiaco adiantadíssimo. Era um velho *gentleman* — a quem os medicos tinham recomendado que evitasse todos os comoveções violentas. Ora o processo Hauptmann, com todas as suas peripecias teatrais — era o que estava menos indicado para um doente deste genero. Mas o *gentleman*, guloso do *frisson*, teimou em querer acompanhar a causa até ao final. Mas, cada dia que se passava — piorava... Teve varias sincope. Antes de entrar na sala — e varias vezes, durante cada audiencia, era injectado pelos medicos para se manter de pé! Quanto mais fortes eram os imprevistos que se desenrolavam — mais se agravava o seu mal. Cinco dias antes do juri se reunir — caiu com uma sincope. Os medicos que o cercaram não lhe deviam meia hora de vida... «Era o que eu temia! — confesso o esfalado juiz, arrependendo-se. Temos de começar este trabalho — e então sou eu fico a meio porque já não posso comigo!» Mas não! O jurado voltou à normalidade e aguentou-se até ao final... Mas pouco mais durou: 24 horas depois morria! Como um bom americano que era teimou até com a morte!

Os americanos — como os russos e os japoneses — têm a mania das estatísticas. O processo de Hauptmann regalou-lhes pretexto para se esponjarem à vontade — sobretudo porque essas estatísticas lhes davam a gloria de varios «records».

Em primeiro lugar — o da duração do processo. Nunca, desde que Washington, há um seculo e tal, provocou a questão da «Declaração da Independencia» um processo, na America, durou tanto tempo! Depois — foi o processo mais caro que se conhece: custou seis milhões de francos (5.200.000 gastos pela accusação; e 800.000 — apenas — dizem eles... — pela defesa). Donde vieram esses 800.000 francos — se a justiça se apoderou de todo o dinheiro que Hauptmann possuía e se a subscrição entre a colonia alemã — ainda não saiu do platonismo dum projecto? Misterio!

Outro «record»: o da totalização das quantias arriscadas, por toda a America, no jogo das apostas. Limitemo-nos ás registadas na vespera do «verdictum»...

As apostas sobre a cadeia electrica igualavam-se, em valor e numero, ás feitas sobre a absolvição; as sobre prisão perpetua davam uma média de 2,5 con-

Como o dr. Calçado descobriu as minas de Canda

(Continuação da pág. 5)

de-lhe que o salve naquela emergência.

Valendo-se da sua categoria o filho de D. Pedro V africano, ameaça um sobra, no caso dele não lhe declarar o sitio exacto onde se encontram as minas que o dr. Calçado dizia existir.

Amarrado a um poste, tranzido de medo, o pobre sobra declara que esse segredo que lhe confiou o antepassado, só à hora da sua morte poderia ser transmitido ao seu sucessor. Mas, as ameaças e os maus tratos chovem sobre o desgraçado, que este coagido pela força das circunstâncias lhe indica o local exacto das minas.

O dr. Calçado sabendo que é Canda a sede do jazigo cúprico dirige-se com os peritos belgas à sede da circumscrição a-fim-de registar a zona mineira em cujo terreno — à superficie — se encontram pedaços de minério com uma percentagem de 60 por cento de cobre, o que era importantíssimo.

Quando o advogado se preparava para enriquecer à custa do minério da Catanga e do suplicio do sobra, a Companhia das Minas do Bembe reclamava os seus direitos aquella região mineira apresentando documentos em que collocavam aquele território na sua reserva de pesquisas.

E o dr. Calçado? — perguntará o leitor.

Regressou a Portugal e... por Lisboa, irradiado da Ordem dos Advogados, sem clientes, dedicou-se a negócios, mas que negócios...

As minas de cobre de Canda não eram mais do que uns pedaços de minério roubado na estação de Matadi, às minas da Catanga.

OLIVEIRA ABRANTES

Organizações secretas nos Balkans

(Continuação da pág. 10)

cidos e não é a guerra que liberta a Macedónia». E, a 4 de Novembro de 1922, prestes a ser aprisionado na aldeia de Ostrelzi, o poeta Lubonio suicidava-se para não cair vivo nas mãos dos seus adventícios, honrando assim, as tradições dos insurrectos macedónios. Eis o seu último canto: «Atingia-me uma mão inimiga e o meu coração morre em silêncio, longe do meu lar, longe das recordações da minha infancia. Um solo estranho bebe o meu sangue. Sinto o meu próprio fim; os corvos voam à minha volta prestes a regalar-se com o festim.

Estes não eram os bárbaros que queimavam com a chama de uma vela os órgãos genitais das mulheres e faziam incizões com laminas de Gilette nos testículos dos homens. Eram poetas e visionários. Fanáticos por uma ideia — a Liberdade da sua Pátria.

O. A.

tra 1; as sobre qualquer condenação — menos a da morte estavam a 5 contra 1.

Alguns jogadores engenhosos apostaram sobre as possibilidades de demora da deliberação do juri: 3 contra 2 — em que ela não duraria mais de três horas. Outros ainda jogaram sobre a hipótese de que, por qualquer motivo seria necessário organizar um novo processo: 2,5 contra 1...

Que cinismo o desse povo que busca a saborosa vibração emocional das apostas, a volúpia da ganancia — jogando sobre a cabeça de um homem!

Coleccionador de sonhos e pesadelos

(Continuação da pág. 11)

Sonhos históricos.—Cramwell e Napoleão

«São milhares e milhares — e também de todas as épocas e paizes e individualidades. De imperadores e artistas, de criminosos e de santos, de escultores e sábios, de guerreiros e mundanos... — eu sei lá!

As figuras históricas que me deram maior número de casos foram Filipe II de Espanha, Cramwell e Napoleão — respectivamente com 112, 82 e 53 sonhos que eles revelaram aos seus íntimos — e estes à publicidade. Um pesadelo — de Cramwell, duas noites — após — de ter feito decapitar o rei e a primeira que se deitava após uma semana de exagerado dinamismo mental, de esforço físico e de artificial calma... Sentiu que o levavam, que o faziam descer uma escada sem degraus, muito longa, em que os pés se apoiavam em pequenas nuvens, e que o colocavam no mesmo cadafalso onde tinha sido executado o soberano. Quiz gritar, protestar — e... primeira angústia: as cordas vocais não vibravam! Quiz gesticular: os pulsos estavam enlaçados... Entretanto o carasco solta uma gargalhada satânica, ergue o capuz, exhibe-lhe o rosto — e ele reconhece o seu próprio irmão. Resignava-se então! Vê — como se a nuca tivesse olhos, o machado erguer-se, cair; ouve o ruído «que fazem nos aqouges a quebrar os ossos» (palavras suas) mas o golpe apenas profundou uns centímetros. Segundo golpe; terceiro; quarto — e é só aos poucos, e sempre com o mesmo ruído, que a cabeça se vai destroncando, por último, quando apenas a tinha ligada por um pouco de carne, o verdugo gargalha de novo, atira o machado para o soalho e parte... «— Estás livre!» E estava! Ele queria levantar-se — mas tinha medo que a cabeça lhe caísse. Precisava das mãos — para a amparar — as mãos estavam atadas. E Cramwell a temer fazer o menor movimento que lhe fosse fatal — a desatender os músculos, na ansia de rebentar as cordas...

«Não soube nunca quantas horas durou esse pesadelo; sabe que foi acordado pelos criados, alarmados pelos gemidos que vinham do seu quarto; e que, ao acordar, suave por tal forma que atordoi ainda pela crueldade e nitidez realista do pesadelo, levou imediatamente as mãos à nuca — como supondo que aquelas gotas que lhe escorriam pela epiderme... eram sangue; e talvez também para segurar... a cabeça!

Napoleão sonhava muito — mas calava os seus sonhos. Mas confessou que a melhor fase da estratégia que lhe deu a vitória em Wagram — lhe surgiu num sonho. De todos os sonhos deste homem — o mais significativo é o que teve pouco antes de pensar no divórcio com Josefina — e que contou a Boinefand na manhã seguinte. Sonhou que estava em Malmaison — almoçando intimamente com a imperatriz. Súbito, estando a olhá-la, viu-a esfumar-se, quedando apenas um lugar como que um jacto de fumo mui brando. Surpreendido — ia levantar-se, quando notou que o fumo tornava a tomar formas humanas. E assim foi: Mas em vez das Josefina eram a de outra mulher — muito mais jovem, mais bela, com as feições de Maria Luíza... Quiz enlaçá-la; ela não permitiu, mas os seus braços perdiam-se como no vácuo; quiz beijá-la mas os seus lábios não encontravam os dela... Afastou-se, sem compreender o que se passava — e ela começou a re-

cuar, a recuar, sempre de olhos fixos nele... Napoleão seguira-a sempre; passaram através de paredes, de parques, de campos de batalha, sobre os mares até que, ao chegarem a uma ilha ela se sumiu. Cansado de a esperar — quize regressar a Malmaison, mas as águas já não lhe ofereciam um caminho sólido para passar. Gritou: ninguém lhe apareceu. Barcos não se viam... Deixou-se então cair sobre um rochedo — e ficou esperando.

«Este sonho de Napoleão, meu amigo, a uma distancia relativa do divórcio, do infelicíssimo segundo casamento, de todos os fracassos, de Waterloo, do desterro de Santa Helena... pode considerar-se... uma profecia!

PODERÁ O PÓ ORIGINAR UMA TAL DIFERENÇA?



“Mas, Amelia, pareces duas vezes mais atraente, como eu nunca te vi!”

«O meu marido ficou absolutamente admirado do notável aumento dos meus encantos. Isto devido inteiramente ao emprego do pó de arroz com «mousse de creme». A descoberta feita por um célebre especialista da pele deste novo ingrediente maravilhoso revolucionou os princípios da maquilagem moderna. No Pó Tokalon, a «mousse de creme», está cientificamente misturada com proporções desejadas com o pó aerificado mais fino segundo um processo secreto. Assim se consegue segurar o Pó Tokalon, apesar da transpiração provocada pela dança e prática de desportos. V. pode dançar todo a noite na mais aquecida das salas de baile, e no entanto evitar todo o aspecto luzente no nariz no rosto, se empregar o pó de arroz com «Mousse de Creme». O Pó Tokalon é tão fino e tão leve que se pode apenas discernir sobre o rosto; ninguém adivinhará nunca que a tez perfeita que ele dá, não é absolutamente e unicamente devida à vossa beleza natural.

O Pó Tokalon, vende-se nas perfumarias, drogarias e boas farmácias. Não encontrando na vossa localidade pode escrever ao Depósito Tokalon de Lisboa (Secção X), 88, rua da Assunção, que atende na volta do correio.

Sonhos de Santos e um pesadelo de Baudelaire

«— Dos históricos — são os santos, os místicos, os mais sonhadores. Reuni mil e tal sonhos entre oitenta e cinco canonizados. Os artistas e escritores — não são os mais sujeitos a essa *segunda vida*. Não admira! Sonham... despertos! Baudelaire — e esse devido aos seus excessos de drogas e álcool sofre pesadelos horríveis. Um que se conhece: caíra do último andar de um prédio infinitamente alto (as quedas são frequentes em pesadelos); á medida que ia passando junto às janelas, crescia a sua angústia...; aí pelo 16.º ou 18.º andar viu que havia lá em baixo, encostado à janela do rez-do-chão, uma pequena escada de três degraus... «Se conseguir cair sobre o primeiro degrau, estou salvo, porque assim já não bato no asfalto e facilmente deixo os outros degraus». Que visão a sua tortura durante esta lenta queda, procurando acertar com os pés na escada e a sentir-se arrastado para longe... Felizmente (?) lá conseguiu apanhar o primeiro degrau, descer os restantes — e nada lhe sucedeu. No género dos pesadelos... desparatados — é perfeito!

«Existem indivíduos com habitualidade de nos assuntos dos sonhos: os que sonham, com frequência e regularidade com naufrágios ou jardins ou viagens; Shakespeare rara era a semana que não sonhava com um leão, um leão que o perseguia, que o amedrontava, com que várias vezes lutou e venceu. «Molière, adormecendo sobre os furores de um ciúme, sonhou que, vindo, através da janela, a mulher que o despeitava, passar com o amante que... *mordera e mastigara os vidros dessa janela!* Bonnot, o terrível apache, na véspera de ser executado, teve um sonho calmo e burguez: que estava no campo, com os amigos, uma ranchada de raparigas galantes, comendo, bailando, bebendo — inofensivos e felizes todos...

«Tenho alguns sonhos modernos — valiosos. De Deckobra, de Wells, de Rodin, de Anatole, do Rei de Inglaterra, de Mussolini — e de Hitler. São cinquenta volumes!»

Cinquenta volumes! Muito sonha a Humanidade!

R. X.

Os mistérios da Avenida da Liberdade

(Continuação da página 12)

passaios consistem em longas horas pela Avenida admirando os lagos, olhando um ou outro prédio e consultando um enorme caderno onde faz desenhos e lança números que ninguém percebe o significado.

Alguém se deteve por diversas vezes e muito de fugida a olhar aquele misterioso caderno e o que viu se não espanta faz pensar. Nas folhas brancas vai o tal senhor americano lançando desenhos de prédios gigantescos, com números à margem e outras bizarras modernas «made in U. S. A.».

Segredam-nos que se trata de um arquimilionário — o «Rei dos prédios» — que só em Boston tem uma rua com 2.300 prédios todos dele.

Não será exagero?
— Em todo o caso o que querará o sr. «Americano» da nossa Avenida da Liberdade?

SILVA BASTOS

QUEREIS que as vossas esposas sejam notadas em todas as soirées de Carnaval suplantando tudo o que à elegância e distinção se pode exigir, dizei-lhe para ir fazer todos os seus tratamentos de beleza e artísticos pateados ao INSTITUTO DE HIGIENE FISICA — RUA DA HORTA SÊCA, 3, 1.º — onde encontrarão à frente de bons artistas o conhecido cabeleireiro

PEREIRA ALVES

Móveis, Estolos e Decorações

Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto

Especialidade da casa

Manuel Cordeiro

Facilitam-se pagamentos

Secção montada para fornecimento para toda a Província

Rua de Belem, 80-82

Telefone: Belem 237

LISBOA

FRUTARIA ALGARVE

ANTONIO ALVOEIRO & C.ª

Especialidade em:
Fructas secas e verdes, conservas, laticínios, chás, cafés, vinhos finos e de mesa, licores, etc.

Calçada do Combro, 34 a 36-A
Tel. 21583 — End. Telef. ALVOEIRO

Venéreologia e Sífilis

Dr. Campos Rocha

Consultório:

R. do Ouro, 266, 1.º Lisboa

GUARDA-ROUPA AGUIA D'OURO

Género Carnavalesco

DE

Manuel Simões Ferreira

Participa aos seus estimados clientes e ao Público em geral, que tem em EXPOSIÇÃO nos seus ateliers, lindas fantasias em trajes regionais, nacionais e estrangeiros, o que há de mais chic, tais como:

Oriental, Odalisca, Espanhola, Apache, Cigana rica e Cigana pobre, Severa, Jockey, Dominós, Pierretes e Pierrots, Saloio, Mexicano, Argentino, Tanguista, Aveiro, etc.

Lindos chapéus! Lindos aderêços!

Autenticos fatos á MODA DO MINHO

Encarrega-se de todos os trabalhos referentes á sua especialidade

Fornecedor dos principais Clubs e Cabarets de Lisboa

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua Cruz Soriano, 75-1.º - LISBOA (Perto do Conservatorio)

Fábrica Portuguesa

DE

ESCOVAS E PINCEIS

Movida a electricidade

FIGUEIREDO, JORGE & C.ª

Executa toda a qualidade de escovas para Fábricas de Lanifícios e Moagem, bem como brochas e pinceis para qualquer género de pintura, por muito difficil que seja a sua execução

69, R. de S. João da Praça, 71

TELEFONE 2 0362

LISBOA

CAFÉ GLOBO

Aberto tóda a noite

CEIAS

Preços populares

RUA DOS CONDES

«QUINTA BELA»

Um título romântico? Não!

Uma marca!

Pôrto... «QUINTA BELA»

É um Pôrto que é... Pôrto!!!

E tanto assim que os apreciadores só bebem

«Quinta Bela»

TAVORA

Rua do Alecrim, 69 — LISBOA

Sortes e Prémios Grandes

só o

José Pedro

OS VENDE!...

R. do Ouro, 203

R. do Arco Bandeira 173

ABADIA

Restaurante genero «Normmmande»

Especialidade em mariscos, cervejaria e «charcuterie» Alemã

36 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 40